

CONSÓRCIO

GEOMETRAL – Técnicas de Medição e Informática, SA
D.712 – Laboratório de Arquitectura, Lda.
GECIP – Gabinete de Engenharia Civil e Informática de Projecto, Lda
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**PLANO DE ORDENAMENTO DA ALBUFEIRA
DE VALE DE GAIO**

Fase 1 - Estudos Base

ANEXO 8

Qualidade Perceptiva da Paisagem

*Isabel Loupa Ramos
Adélia Rodrigues Matos*

D.712 – Laboratório de Arquitectura, Jan. 1999

ÍNDICE

1 - QUALIDADE PERCEPTIVA DA PAISAGEM DA ENVOLVENTE DA ALBUFEIRA DE VALE DO GAIO _____	3
2 – METODOLOGIA_____	5
3 - CONCLUSÕES_____	8

1 - QUALIDADE PERCEPTIVA DA PAISAGEM DA ENVOLVENTE DA ALBUFEIRA DE VALE DO GAIO

A paisagem da envolvente da Albufeira de Vale do Gaio insere-se no ‘Portugal Mediterrânico’, mais precisamente na paisagem do Alentejo a qual apresenta características específicas, tanto em termos ambientais, como também em termos sociais e culturais.

O conceito de paisagem é pouco consensual na sua definição, existindo todo um leque de definições com o intuito de abarcar toda a abrangência e multiplicidade de variáveis de que se compõe uma paisagem.

Contudo, a paisagem não é apenas construída pelo homem, mas também uma construção do homem, no sentido, de que não existe, quando não é observada e percebida. Deste modo, para avaliar a qualidade da paisagem há que ter em conta que a paisagem não existe sem observador.

Assim, a definição do que genericamente se designa por ‘qualidade intrínseca da paisagem’, baseada apenas na características biofísicas do território, é redutora quando não são consideradas as preferências estéticas do observador, sendo os recursos de carácter estético ou emocional, uns dos principais elementos que contribuem para a qualidade da paisagem.

Para definir a qualidade visual da paisagem e a partir desta inferir sobre a sua fragilidade, torna-se necessário estabelecer ligações entre as características que são inerentes à paisagem e as que o observador distingue como as de maior qualidade estética. A apreciação do observador é influenciada por um lado pela percepção que tem do território que o envolve e por outro lado pelas suas preferências por determinados aspectos desse território, pois todas as questões ligadas com a estética envolvem preferências.

Estas por sua vez implicam subjectividade na percepção e compreensão dos valores cénicos da paisagem. De facto na abordagem deste tema, a experiência vivida por cada observador e as suas preferências, traduzem-se numa avaliação que é subjectiva, dependendo dos vários factores que já foram referidos anteriormente.

Existem, deste modo, duas componentes que variam que devem ser analisadas:

- (1) as características e o estado emocional do observador;
- (2) as características do território.

Relativamente à avaliação da componente subjectiva da paisagem, existem um conjunto de técnicas que são utilizadas para quantificar as preferências dos observadores perante uma determinada paisagem. Na generalidade estas técnicas baseiam-se em inquéritos, de vários tipos, sendo para a avaliação da qualidade estética na generalidade utilizados testes de fotografias. SARAIVA (1995) realizou um teste de preferência de paisagem na bacia hidrográfica do rio Sado, recorrendo à técnica dos ‘pares de fotografias’, incidindo o estudo sobre as ‘paisagens de água’ na paisagem mediterrânica.

Esta paisagem que se reveste de um carácter marcadamente cultural, tem sido construída ao longo de milénios de ocupação humana no território, tendo os elementos de água exercido um papel determinante na organização do espaço. À paisagem ‘natural’ acresce a ‘cultural’, a componente humana. No entanto, esta divisão não é propriamente dicotómica, ou seja, as paisagens podem ser mais ou menos culturais ou naturais, consoante o grau e tipo de acção humana. As paisagens naturais são raras, sobretudo na Europa mediterrânica. Os sistemas que se consideram como ‘naturais’, são maioritariamente o fruto de uma ocupação humana centenária, quando não milenar, transformados em função da sua vontade, ou seja, em função das atitudes e valores das sociedades presentes.

Daí que a compreensão da paisagem actual seja indissociável da história da sociedade agrária local e dos movimentos sociais e políticos que estiveram subjacentes à sua construção.

Um dos parâmetros que marca inequivocamente a paisagem em estudo é a **estrutura fundiária**. Esta, foi muito marcada pelos períodos de ocupação romana e árabe, e pelo posterior processo de independência, a partir do qual, a coroa fez grandes doações de terras aos nobres e às ordens religiosas, podendo-se dizer que o Alentejo estava totalmente na posse da Casa de Bragança e do Arcebispado de Évora, originando assim uma estrutura latifundiária.

Não obstante posteriores tentativas de pôr cobro ao latifúndio e ao abstencionismo que marcou profundamente a paisagem, nomeadamente através da Reforma Agrária Liberal do século passado, em que se extinguiram os forais e as terras da coroa foram convertidas em bens nacionais; nenhuma delas teve sucesso.

Esta medida, que tinha como intenção a venda da terra em pequenas parcelas, acabou por ser pervertida, dado que a venda em leilão dessas propriedades criou oportunidades apenas para a burguesia urbana, para os latifundiários pré-existentes e para os políticos-funcionários.

Nesta hasta pública, todos os bens nacionais foram distribuídos por duas mil famílias - entre os quais a maioria dos já presentes latifundiários alentejanos do século XX. Esta estrutura fundiária particular leva a que as explorações no Alentejo correspondem a apenas 8,40% do número total de explorações do Continente, ocupando estas, no entanto, uma área superior a um terço do país (37,74 %).

Esta estrutura fundiária e a estrutura social presente veio também a influenciar a **estrutura do povoamento**, verificando-se apenas escassos aglomerados urbanos, separados por vastas planícies cerealíferas e montados. A divisão social entre proprietários e assalariados, leva que estes últimos não tenham terra, nem casa nas propriedades, sendo, assim, os aglomerados urbanos fundamentalmente o ‘pool’ de mão-de-obra agrícola, predominantemente temporária. Os assalariados permanentes fixavam-se nos centros de lavoura das grandes propriedades. Estas áreas sociais vulgarmente designadas por ‘montes’, tem uma forte expressão na paisagem, por se encontrarem na generalidade a cotas superiores e serem caiados de branco, constituindo pontos atracção visual.

As alterações dos **usos do solo** ao longo da história da região, marcaram fortemente a paisagem presente. No *Relatorio ácerca da Arborização Geral do Paiz*, de 1868, que tinha por objectivo caracterizar o território português, no sentido proceder a '*estudos dos terrenos, cuja arborisação é necessaria e util para contrariar a quasi completa desnudação do paiz*'.

Enquanto a paisagem do Xarrama era sobretudo dominada por matos e incultos, fruto da desarborização massiva e do absentismo patente, neste século as culturas são um pouco mais diversificadas. Ainda como resultado da campanha do trigo conduzida durante o Estado Novo dominam os cereais, abertos ou sob coberto, em montado. Verifica-se, ainda, a existência de vastas áreas de olival. No entanto, e devido à conjuntura política da última década, os cereais tem vindo progressivamente a ser substituídos por culturas forrageiras.

A estrutura fundiária traduz-se, assim, numa paisagem aberta, não compartimentada, onde a diversidade é criada pela alternância dos usos que se sucedem no vários planos visuais, criados pela morfologia ondulada da paisagem, pontuada por montes brancos e silhuetas de vilas que recortam horizontes longínquos.

2 – METODOLOGIA

No âmbito do Plano de Ordenamento da Albufeira de Vale do Gaio, desenvolveu-se uma abordagem metodológica que tem por base a morfologia da paisagem e o uso do solo no sentido de avaliar a fragilidade da paisagem envolvente à albufeira.

Relativamente à avaliação da componente subjectiva da paisagem, tirou-se partido de um teste de preferência de paisagem realizado por SARAIVA (1995) para a bacia hidrográfica do rio Sado, onde esta albufeira se insere, o qual demonstra quais as principais preferências por paisagens onde o elemento 'água' é dominante. Esta avaliação demonstra que os planos de água tem um papel fundamental, sobretudo na paisagem mediterrânica onde a água é um bem escasso, este assume um valor acrescido.

Na avaliação da qualidade da paisagem há uma procura pela identificação das características da paisagem que determinam a sua qualidade. Os elementos naturais ou artificiais do território, possuem uma série de qualidades intrínsecas que o observador distingue. É assim, possível estabelecer relações entre as características físicas da paisagem, como a forma, a cor e a textura e as preferências dos observadores dessas paisagens.

Na paisagem em estudo, os componentes da paisagem mais marcantes dividem-se em quatro grupos principais, a morfologia da superfície terrestre, a água, a vegetação (uso do solo) e estruturas ou elementos artificiais introduzidos pela actuação humana:

- A morfologia da superfície do terreno, é o elemento que serve de base ao realce dos demais constituintes como factor determinante das formas do espaço;

- A vegetação, através da variedade, cor e principalmente através da sua distribuição é considerada como a maior criadora de texturas e padrões que são reflexo do uso do solo;
- A água, quer seja através do som e movimento, do contraste com os restantes componentes ou da sua capacidade de actuar como reflectora de imagens, torna-se um dos elementos dominantes da paisagem;
- Os elementos artificiais, podem passar a ser o centro activo da cena, pois a sua escala ou disposição na paisagem cria um elevado contraste com o meio envolvente- tais como os montes e as vilas.

No estudo da qualidade visual em estudos de ordenamento do território, o conceito de **fragilidade visual** é fundamental por se considerar que este ao exprimir o potencial grau de deterioração que uma paisagem apresenta face à incidência de determinadas alterações de usos ou de qualquer outro tipo de acções que a modifique ou deteriore.

Nos vários métodos de avaliação da fragilidade visual (MOPT, 1992), têm-se em conta factores como:

- a visibilidade - magnitude da bacia visual,
- a morfologia da paisagem - relevo, declive, orientação das encostas,
- o uso do solo - complexidade da vegetação e factores histórico-culturais,
- a acessibilidade do território - pontos preferenciais de acesso, uso e observação da paisagem.

Com o objectivo de estudar o carácter visual da área envolvente à albufeira de vale do Gaio, e de modo a poder avaliar não só a sua importância visual mas também a capacidade de absorção da paisagem, efectuou-se uma **análise de visibilidades** a partir dos dois pontos de acesso preferenciais ao plano de água: a oeste, sobre o paredão da barragem (ponto 1) e a este, junto à vila do Torrão (ponto 2).

Optou-se por efectuar somente a análise de visibilidades nestes dois pontos pois estes serão indubitavelmente o acesso mais imediato ao plano de água, expondo deste modo estas áreas a uma pressão mais marcada por actividades recreativas, nomeadamente de lazer, desporto, turismo e pesca e, consequentemente, por todas as infra-estruturas relacionadas com estas actividades. Caso o desenvolvimento destas áreas não seja controlado e se ultrapasse a capacidade de carga da paisagem a qualidade de toda a área será alterada podendo levar à degradação visual e ecológica deste recurso natural.

A partir destes dois pontos de acesso ao plano de água, delimitaram-se as bacias as quais devem ser consideradas como potenciais uma vez que não foi considerado qualquer tipo de barreira visual do território, para além do relevo, como o uso do solo ou a ocupação humana, parâmetros mais efémeros da paisagem. Após análise das Figuras 1 e 2 deste anexo, verificou-se que a visibilidade real da paisagem estava muito próxima daquela que foi calculada como potencial, confirmando-se que o tipo de relevo ondulado da região é determinante na visibilidade da paisagem a partir de qualquer ponto. A ondulação desta paisagem cria, assim, uma sucessão de planos que podem, ou não, condicionar a visibilidade do observador de acordo com a cota a que o ponto de observação se encontra.

No ponto 1, sobre o paredão da barragem, a visibilidade está contida a uma área restrita ao eixo do plano de água, em que o primeiro plano é o que assume maior importância.

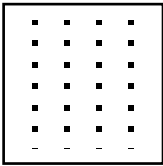

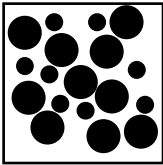

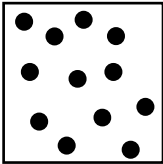

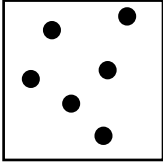

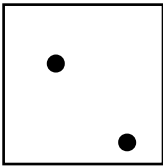

Tal verifica-se fundamentalmente devido à cota do ponto de observação ser pouco elevada, permitindo visualizar neste caso apenas os planos mais próximos e a vila do Torrão localizada a uma cota superior à do enfiamento do plano de água. Contudo, a visibilidade da margem direita é mais abrangente do que a da margem esquerda condicionada fundamentalmente pelo uso do solo. O uso dominante da margem direita, culturas de sequeiro sob azinho, permite visualizar planos mais distantes, os quais não são possíveis de observar na margem esquerda devido fundamentalmente à ocupação do solo por espécies arbóreo-arbustivas, as quais condiciona fortemente a visão do homem neste ponto a pouco mais que a encosta adjacente à margem.

No ponto 2, junto à vila do Torrão, a visibilidade é mais abrangente pois a vila situa-se num dos pontos mais elevados da área adjacente ao plano de água. É assim, possível observar uma variedade de planos causados pelo relevo ondulado, os quais contribuem para o aumento da diversidade da paisagem através da sucessão de padrões de uso do solo. Neste ponto observador, o uso do solo não se apresenta como factor limitante na visibilidade da paisagem sendo assim criada uma continuidade visual não só pelos vários planos sucessivos mas também pela presença do eixo do plano de água, o qual assume uma papel dominante no carácter paisagem.

A **morfologia da paisagem** é fruto da actuação do factores climáticos sobre o substrato litológico ao longo das eras geológicas. As formações geológicas e as acções a que estas estiveram sujeitas criaram em tempos geológicos remotos, uma morfologia particular que na paisagem envolvente da albufeira da barragem do Vale do Gaio se reflecte numa ondulação suave. Esta ‘ondas’ verificam-se predominantemente no sentido perpendicular à linha de água original, conforme visível na carta fisiográfica, sendo a amplitude altimétrica entre os festos e os talwegues é reduzida. Os declives são suaves verificando-se esporadicamente junto à margem, nomeadamente, junto aos afluentes declives superior a 25%. Também no extremo montante da albufeira, verifica-se a existência de declives acentuados, que se devem a um forte encaixe do vale da Ribeira do Xarrama. A ondulação do relevo provoca uma grande diversidade de situações em termos de exposições do terreno.

O **uso do solo** tem um papel importante na qualidade visual da paisagem, dado que a vegetação contribui para a definição dos padrões de paisagem. Na paisagem envolvente à albufeira da barragem do Vale do Gaio verificou-se a predominância de 5 classes de padrão de paisagem baseada na ordem e no grau de densidade da cobertura do estrato arbóreo.

A carta de padrões de paisagem foi elaborada sobre a carta de uso do solo em conjugação com interpretação visual do ortofotomapa, procedendo-se à agregação das classes de uso do solo.

	Estrato arbóreo...	Uso do solo	Padrão	Paisagem-tipo
1	... ordenado	Olival ordenado Pomar Cultura de sequeiro sob Olival ordenado		
2	... muito denso	Montado de sobreiro Vegetação ripícola Vegetação ripícola e sobreiro Pinheiro manso e sobreiro Azinho Povoamento misto		
3	... denso	Pinheiro manso Pinheiro manso e sobreiro Povoamento misto e sobreiro Azinho Azinho e sobreiro Olival e azinho Olival desordenado Cultura de sequeiro sob olival desordenado Cultura de sequeiro sob sobreiro		
4	... pouco denso	Pinheiro manso Sobreiro Olival desordenado Cultura de sequeiro sob sobreiro Cultura de sequeiro sob olival desordenado Cultura de sequeiro sob azinho Cultura de sequeiro sob olival Cultura de sequeiro com sobreiro disperso		
5	... disperso ou nulo	Culturas de sequeiro Cultura de sequeiro com azinho isolado Cultura de sequeiro com azinho disperso Cultura de sequeiro com sobreiro isolado Cultura de sequeiro com pinheiro manso isolado Cultura de sequeiro com pinheiro manso disperso Inculto		

3 - CONCLUSÕES

A paisagem rural, por se encontrar mais próxima da ideia de natureza, sugere-se como receptáculo de um conjunto de percepções individuais e colectivas, constituindo, de certa forma um novo paradigma ecológico. Este culto da paisagem rural, assenta, no entanto, numa paisagem rural tradicional, predominantemente agrícola. De facto a agricultura constitui um importante factor de equilíbrio ambiental, sendo muitos dos ecossistemas que hoje se valorizam e se protegem fruto de uma actividade agrícola milenar.

Assim, o imaginário de paisagem da população urbana cria um espaço rural bucólico dedicado à actividade agrícola e em perfeita harmonia com o ambiente. Desta forma, a população urbana sente necessidade de se movimentar periodicamente ao encontro do espaço dos seus ancestrais, como forma de ultrapassar o 'stress' e as frustrações diárias.

Esta população, cada vez mais numerosa, exige que o seu imaginário de paisagem continue vivo quando se desloca 'ao campo' para o reencontrar.

O ordenamento do deste espaço tem que dar respostas este novo modo de encarar e viver a paisagem permitindo a sua fruição sem degradar a sua qualidade.

A qualidade visual desta paisagem reside na sua unidade. Não obstante o facto de ser muito diversificada, tanto em termo de relevo como de usos, a recorrência sucessiva do mesmo padrão, confere-lhe a uma unidade paisagística notável. No entanto, sobretudo o relevo contribui para a existência de uma sucessão de bolsas de absorção visual, as quais poderão constituir locais preferenciais na localização de infra-estruturas na paisagem de modo a evitar a degradação visual da mesma.